

■ POLÍTICA

FHC

Presidente faz balanço otimista a seus ministros

por Sandra Nascimento
de Brasília

"A economia está bem, o governo recuperou o seu rumo, nós estamos reduzindo a inflação, estamos crescendo e o governo não perdeu nenhuma votação significativa no Congresso este ano". Foi assim que o porta-voz da Presidência, Sérgio Amaral, resumiu o balanço otimista que Fernando Henrique Cardoso fez a seus ministros no sábado, na última reunião ministerial ordinária do ano. Também foram mencionados planos para 96. Um balanço final deverá ser apresentado pelos ministros até o próximo dia 8.

O clima ufanista que reinou no encontro fez até mesmo o governo "esquecer-se" da crise deflagrada com o escândalo da escuta no telefone do embaixador Júlio César Gomes dos Santos, chefe do Cerimonial do Palácio do Planalto, demitido por suspeita de tráfico de influência nas negociações do projeto Sivam (ver matéria). Um a um, os participantes negaram qualquer referência ao assunto na reunião de sábado.

O único ponto preocupante levantado pelo governo foi o déficit fiscal, provocado principalmente pelo excesso de despesas dos es-

tados, que vêm registrando crescimento real no pagamento de salários de servidores. Na União, onde esse problema é menor, os gastos com a folha saltaram de R\$ 20,9 bilhões em 91 para R\$ 36 bilhões em 95. Amaral disse que o governo estuda soluções, mas não mencionou quais.

Os ministros da Fazenda, Pedro Malan, e do Planejamento, José Serra, fizeram o balanço econômico dos últimos onze meses. De janeiro a outubro, a inflação medida pelo IGP foi de 13%, e pela Fipe, de 19%. A média estimada pelo governo fica entre 20% e 23% para este ano, a taxa mais baixa desde o início dos anos 70.

O PIB deve fechar o ano com um crescimento de 4,5% e a expectativa é de que esse desempenho se repita no próximo ano. "A crise do México não chegou ao Brasil", disse o porta-voz, acrescentando que as reservas, no conceito de caixa, chegam a US\$ 48 bilhões. O déficit em conta corrente, no setor externo, é inferior a 3% do PIB e o comercial deverá ser inferior a US\$ 3 bilhões, podendo ser financiado com as remessas dos trabalhadores brasileiros no exterior.

Malan colocou como prioridade para o próximo ano a

redução dos custos, o chamado custo Brasil, e a reestruturação do sistema financeiro. Justificou a urgência dos projetos que já se encontram no Congresso para aprovação, a exemplo da medida provisória que regulamenta a fusão dos bancos. "A receita inflacionária representava para os bancos cerca de 26% da sua receita e hoje isso acabou", disse.

E por último, entre as prioridades, está a área social. E para isso é necessária uma reestruturação fiscal nas três esferas da União, para permitir a realocação das verbas disponíveis. O problema não está na arrecadação, que passou de R\$ 78 bilhões em 91 para R\$ 122 bilhões em 95, mas nas despesas, que vêm crescendo numa proporção de um por um, segundo o porta-voz.

CONGRESSO

Cardoso não poupou elogios ao Congresso, principalmente aos presidentes da Câmara e do Senado e aos líderes governistas. Cumprimentou-os pelas vitórias que conseguiram até mesmo na semana em que o Sivam monopolizou as atenções, ao aprovarem o Fundo de Estabilização Fiscal (FEF) em segundo turno na Câmara e a securitização da dívida agrícola.